


Últimas Notícias
Primeira Página
Política
Economia
Cidades
Polícia
Esportes
Brasil
Mundo
DC Ilustrado
Colunistas
Cuiabá Urgente
Editoriais
Artigos
E-Mail
Índice
Classificados
Edições Anteriores

LIVRO

[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Livro desvenda a história das primeiras-damas do Brasil

Todas as mulheres dos presidentes, de Ciça Guedes e Murilo Fiuza Melo, relata a presença delas nos rumos do país e revela seus dramas particulares

Da Folhapress – São Paulo

Em muitos momentos, elas passaram despercebidas; em outros, foram silenciadas. O livro “Todas as mulheres dos presidentes — A história pouco conhecida das primeiras-damas desde o início da República” (Máquina de Livros), dos jornalistas Ciça Guedes e Murilo Fiuza de Melo, encerra essa invisibilidade.

A publicação, que será lançada amanhã, às 19h, na Livraria da Travessa de Ipanema, coloca sob os holofotes a influência política e os dramas pessoais das 34 primeiras-damas do Brasil.

“Existe vasta literatura sobre os presidentes, mas poucas pesquisas sobre elas”, diz Ciça. A dupla partiu de uma imagem simbólica. “Na tela do pintor espanhol Gustavo Hastoy, que retrata a assinatura do projeto da primeira Constituição do Brasil, Mariana Cecília de Sousa Meireles, casada com Deodoro da Fonseca, é a única mulher, entre 18 homens, e a única que aparece de costas”, observa Murilo.

Ao resgatar suas biografias, os autores as identificam com seus nomes de solteira e as deixam de frente para a História. A seguir, destaques da trajetória de algumas delas.

Anita Peçanha (1909 a 1910)

Mulher de Nilo Peçanha, até hoje o único presidente negro do Brasil, Anita Peçanha (1876-1960) era de uma importante família de Campos dos Goytacazes (RJ). “Já Nilo teve origem humilde”, conta Murilo. “Anita enfrentou forte preconceito racial. A família não foi ao casamento. A mãe morreu sem falar com a filha”, emenda o jornalista. “Nas fotos, ao contrário de outros casais, eles estão sempre ‘coladinhos’.”

Nair de Teffé (1913 a 1914)

Na primeira década do século XX, a aristocrata Nair de Teffé (1886-1981) foi a segunda mulher de Hermes da Fonseca. Caricaturista e de vanguarda, ela assinava seus trabalhos com o anagrama Rian. “Hermes ficou conhecido como um presidente de pouca inteligência, mas se casou com duas mulheres brilhantes, a feminista Orsina (Francione da Fonseca) e Nair”, diz Murilo. “Foi ela quem levou o maxixe ao Palácio do Catete. Não só o levou como executou o famoso ‘Corta-jaca’, de Chiquinha Gonzaga, ao violão, atitude que era considerada ‘depravada’ para uma ‘mulher de respeito’”, destaca Ciça.

Darcy Vargas (1930 a 1945/ 1951 a 1954)

A mulher de Getúlio Vargas foi quem mais tempo ocupou o posto de primeira-dama: 18 anos e 4 meses. Coube a Darcy Vargas (1895-1968) “dar novos contornos ao cargo”. “Até então, as primeiras-damas eram mulheres do lar. Em vez de tomarem conta da casa, cuidavam do palácio. Darcy organizou a questão da assistência social ao criar a Legião Brasileira de Assistência (LBA), em 1942”, explica Murilo. Segundo os autores, os casos extraconjugais de Getúlio eram motivos de brigas. Mas a paixão do marido pela estonteante Aimée Sotto Mayor, casada com o chefe do Gabinete Civil do presidente, Luís Simões Lopes, fez o copo transbordar. “Foi aí que ela pediu a separação de quartos”, revela Ciça.

Últimas

- 17:14** Do figurino ao sistema tático, Luxemburgo foi vanguarda nos anos 1990
- 17:14** Abel Braga é o novo técnico do Vasco e substitui Luxemburgo
- 17:13** Bruno Henrique coloca Fla na final do Mundial
- 17:10** Botelho tenta concentrar esforços para projetos polêmicos
- 17:09** Defesa de Selma tenta mantê-la no cargo

Publicações de Editais IOMAT
Diário Oficial de MT
 Fone (65) 9.9621-6973

- 17:09** Câmara encerra atividades do ano na sexta-feira
- 17:04** Falta de consenso sobre mercado de carbono trava mais uma vez a Conferência do Clima
- 17:01** Selma diz que vai abandonar política
- 17:01** BOA DISSONANTE
- 17:00** Sociedade global à deriva

Tempo
Cuiabá
 Min: 18°
 Max: 36°



Pesquisa

Busca Google

Sarah Kubitschek (1956 a 1961)

Ciça confessa ter ficado comovida com a trajetória de Sarah Kubitschek (1908-1996), a mulher do presidente bossa nova. “Eles fizeram tanto pelo Brasil e, no fim da vida, foram infelizes. Ele, inclusive, foi muito maltratado pela ditadura militar”, diz. Segundo ela, um dos méritos da mineira é ter sido autora das primeiras iniciativas de prevenção e tratamento do câncer ginecológico no país. Na esfera pessoal, ela era um pote até aqui de mágoas devido à infidelidade de Juscelino. “Assim como JK, diversos presidentes tiveram amantes durante anos”, lembra Murilo.

Maria Thereza Goulart (1961 a 1964)

Considerada a mais bonita entre as primeiras-damas brasileiras, a mulher de João Goulart lançou moda. Estampou capas de revistas nacionais e internacionais, “rivalizou” com a então primeira-dama dos Estados Unidos, Jacqueline Kennedy, e viu o penteado que usava, um coque banana, virar febre entre as fashionistas da época. Maria Thereza também teve um estilista para chamar de seu: ninguém menos do que Dener Pamplona de Abreu, que suplicou à amiga que não vestisse marrom num dos momentos mais duros da trajetória do casal: o exílio, que durou 16 anos. “Dener foi muito bacana com a Maria Thereza, um dos poucos que ficou ao seu lado”, lembra Ciça.

Rosane Collor (1990 a 1992)

Foi em sua festa de debutante que Rosane conheceu Fernando Collor de Mello. Dez anos depois da valsa, ela subiu a rampa ao lado dele. Representante da elite do sertão nordestino, como definem Ciça e Murilo, a alagoana tornou-se primeira-dama em 1990. “Já em Brasília, decidi ser presidente da LBA. Depois, foi acusada de falcaturas na instituição”, diz Murilo. Ciça lembra que o casamento de 22 anos terminou violentamente. “Ela relata em sua autobiografia ter sido deixada na rua da amargura. Collor trancou as casas com suas roupas e joias, inclusive as de família”, comenta a jornalista. “Ela enfrentou uma relação abusiva e está brigando com ele na Justiça. Porém, mesmo assim, Rosane, na eleição de 2018, adotou o sobrenome do ex-marido. Resultado: não foi eleita”, conclui Ciça.

Ruth Cardoso (1995 a 2002)

Das 34 primeiras-damas do Brasil, apenas três concluíram cursos superiores: Ruth Cardoso (1930-2008), Marcela Temer e Rosane Collor. “Mas Ruth foi a única que teve carreira independente e brilhante. Era feminista militante e resistiu muito a entrar na política tradicional”, diz Ciça sobre a mulher de Fernando Henrique Cardoso. O ativismo de Ruth não a impediu de se destacar em outros quesitos. “Ela também era excelente cozinheira e adorava cuidar dos filhos”, ressalta a jornalista. Ao tornar-se primeira-dama, não fez por menos: extinguiu a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e criou o Programa Comunidade Solidária, em 1995. “Ruth transformou a área social em prioridade do governo”, explica Murilo. A paulista de Araquara formada em Filosofia nunca deu declarações sobre o romance extraconjugal de Fernando Henrique com a jornalista Miriam Dutra nem sobre o suposto filho do casal. “Ruth era extremamente discreta”, resume Ciça.

Marcela Temer (2016 a 2018)

A ex-modelo paulista de 1,72m casou-se com Michel Temer em 2003, aos 20 anos. A diferença de idade — mais de quatro décadas — não foi empecilho. Depois de casada, formou-se em Direito, mas não fez o exame da OAB. Preferiu cuidar do filho, Michelzinho, que nasceu em 2008. Ficou conhecida como “bela, recatada e do lar”, graças ao perfil publicado, em 2016, pela revista “Veja”, quando era ainda segunda-dama; como primeira-dama, mergulhou no lago do Palácio da Alvorada para salvar o cachorrinho Picoły. “Até pela juventude, ela poderia ter assumido posições progressistas e encampado a luta pelos direitos das mulheres”, analisa Murilo. “Mas Marcela representa exatamente a frase (‘bela, recatada e do lar’) com a qual ficou conhecida.”

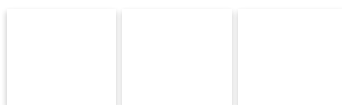
Michelle Bolsonaro (2019)

O capítulo dedicado à atual primeira-dama do país retorna ao dia da posse do presidente Jair Bolsonaro, em 1º de janeiro de 2019. Mais precisamente ao seu discurso em libras, diante de uma multidão. Michelle Bolsonaro, além de ser a terceira mulher do presidente e mãe de sua única filha, Laura, é intérprete da linguagem dos surdos e mudos. Em seu perfil, disponível na internet, é possível ficar sabendo que ela passou a se dedicar à profissão por conta do tio Gilberto, surdo de nascimento. Mas o que mais chamou a atenção dos autores não foi a sua capacidade de comunicação e, sim, o seu silêncio. “Ela tem uma história familiar muito forte, uma avó condenada por tráfico de drogas. E, quando isso veio à tona, não disse uma palavra”, constata Murilo.



[Anterior](#) | [Índice](#) | [Próxima](#)

Comentários [Deixe aqui sua opinião sobre esse assunto](#)



**Isto Pode Esta
Envelhecendo sua**

Minha-Pele.com

LEIA

[TOPO](#) | [PRIMEIRA PÁGINA](#) | [ÚLTIMAS NOTÍCIAS](#) | [POLÍTICA](#) | [ECONOMIA](#) | [CIDADES](#) | [POLÍCIA](#) | [ESPORTES](#)
[BRASIL](#) | [MUNDO](#) | [DC ILUSTRADO](#) | [CUIABÁ URGENTE](#) | [EDITORIAIS](#) | [ARTIGOS](#) | [AZUL](#) | [TEVÊ](#) | [E-MAIL](#)

Diário de Cuiabá © 2018

Trinix